

# Discurso de divulgação científica: uma análise da revista *Ciência Hoje das Crianças*

Angela Corrêa Ferreira Baalbaki \*

*Resumo:* Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa que teve como objetivo investigar o funcionamento do discurso de divulgação científica para crianças. Tomando como corpus recortes de seções das revistas *Ciência Hoje das Crianças* e de textualizações que abordam a temática, análise buscou depreender as imagens projetadas das posições-sujeito que operam nesse discurso. Considera-se o discurso de divulgação científica para crianças como efeito de sentidos entre divulgador, cientista e leitor (criança e professor).

*Palavras-chave:* Análise do Discurso; discurso de divulgação científica para crianças; ludicimos.

## Introdução

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa de doutoramento realizada na Universidade Federal Fluminense, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr. Bethania Mariani, em 2010. Fundamentamos nosso trabalho na perspectiva teórica da Análise do Discurso de linha francesa. Destacamos o nome de Michel Pêcheux como o fundador dessa disciplina a partir da publicação de *Análise Automática do Discurso* (AAD-69). Um dos pilares dessa teoria que surgia no cenário francês, no final da década de 1960, é a relação entre sujeito e sentido. Trata-se, portanto, de uma teoria não-subjetiva da subjetividade. É uma teoria em que o histórico e o ideológico são convocados a participar como categorias determinantes dos sujeitos e dos sentidos. Disso vale dizer que os sentidos se confrontam em disputa por espaços de estabilização.

Em relação à constituição de nosso *corpus*, ressaltamos que tal constituição já faz parte das análises, uma vez que teoria e prática, em Análise do Discurso, integram-se. Configuramos um arquivo composto por 176 exemplares da revista *Ciência Hoje das Crianças* e por dois exemplares do encarte “Dicas do Professor”. De forma a possibilitar responder a alguns dos nossos

---

\* Integrante do Grupo de pesquisa *Discursividade, historicidade, subjetividade: inconsciente e ideologia*, liderado pela Prof.<sup>a</sup> Dr. Bethania Mariani; Professora do Departamento de Estudos da Linguagem – ILE/UERJ; Doutora em Letras pela Universidade Federal Fluminense, com a tese **A revista Ciência Hoje das Crianças e o discurso de divulgação científica: entre o ludicismo e a necessidade**, orientada pela Prof.<sup>a</sup> Dr. Bethania Mariani. E-mail: angelabaalbaki@hotmail.com

questionamentos, além do nosso *corpus* principal, construímos um auxiliar. Em Análise do Discurso, o arquivo é sempre aberto, podendo incorporar outros textos. A completude só funciona como efeito imaginário; uma ilusão de fechamento. O passo seguinte foi o de recortá-lo. A partir dos textos, selecionamos, recortamos, agrupamos sequências discursivas – em um retorno contínuo com a teoria –, buscando respostas a certos questionamentos. Relacionamos os textos com a história. Trabalhamos o linguístico em relação ao ideológico.

Devemos destacar que a interpretação está no cerne das análises realizadas pela Análise do Discurso, visto ser essa uma disciplina de interpretação. De fato, são as condições sócio-históricas que apontam caminhos para interpretar os efeitos de sentidos produzidos. Fazer análise, nessa perspectiva teórica, é fazer relação a. Por meio de nosso gesto de interpretação, produzido em relação à teoria e ao corpus, construímos uma posição frente ao tema de pesquisa. Nossa posição não é jamais isenta, pois somos afetados pela ideologia e atravessados pelo inconsciente.

### **O jogo de diz, re-diz, des-diz do discurso de divulgação científica para crianças**

Iniciamos nossa tese com o questionamento de uma concepção dominante de ciência construída no imaginário social como aquela que busca verdades e que se pretende neutra e objetiva. De fato, a ciência, atuando como instância de poder, produz efeitos de verdade, neutralidade, objetividade. Do nosso ponto de vista, a ciência é uma produção histórica e de sujeitos. Sendo assim, não pode ser apartada das determinações sócio-históricas.

No primeiro capítulo, apresentamos os referenciais teóricos dessa disciplina constituída a partir da tríade: linguística, psicanálise e materialismo histórico. Tratamos de noções, como: discurso, sujeito, sentido, formação discursiva, interdiscurso, dentre outras. Articulamos essas noções ao nosso material de análise e nossas questões de pesquisa de forma a construir nosso dispositivo analítico.

No capítulo 2, trabalhando com os textos que compõem nosso *corpus* auxiliar, tínhamos como objetivo compreender duas categorias: a criança e a divulgação científica. Cumpre destacar que as análises realizadas no capítulo em tela foram realizadas a partir de nosso *corpus* auxiliar, composto por diferentes materialidades textuais. Na primeira seção, analisamos a categoria criança. Para tal retomamos as reflexões de Haroche (1992) e Orlandi (2002, [1998b]) sobre o sujeito-jurídico do capitalismo e os trabalhos realizados, sobretudo, no âmbito da história.

Observamos que, com a irrupção de um novo modo de produção, a criança foi associada a um período demarcado na linha do desenvolvimento

humano, que é a infância. A criança, ou melhor, a categoria criança passou a ser falada em um espaço de previsões. A criança (ao menos a criança de uma determinada classe social) deixou de ocupar lugar na produção. Por extensão, por não trabalhar/fazer, a sua “improdutividade” foi imputada ao não-saber. Assim sendo, a criança passou a não fazer e a não saber. Essa condição a definiu como um *vir-a-ser-sujeito*. Juridicamente, a criança não fala, mas é falada pela medicina, pela psicologia, pela pedagogia – campos autorizados a observar a criança, demarcar atitudes para distintas faixas etárias, pronunciar sobre seu desenvolvimento, etc. A relação da categoria criança com o jurídico é marcada pelo que denominamos **judicismo**. Uma relação pautada pela futuridade (visto ser a criança considerada um *vir-a-ser*) e pela previsibilidade (*vir-a-ser-umbom-sujeito*).

Nas seções seguintes do capítulo 2, analisamos outras textualizações. Buscamos os sentidos de divulgação científica. Para tal, analisamos verbetes de dicionários, artigos, entrevistas, capítulos de livros. A discursividade dominante sobre a divulgação científica aponta para sentidos que ecoam: a transmissão de informações, o desenvolvimento da democracia, o despertar de vocações e a superação de deficiências do sistema educacional brasileiro. Ao longo de nossa pesquisa, destacamos a relação fundante entre divulgação científica e escolaridade.

Por fim, nos interrogamos pela demanda da divulgação em nossa sociedade. A partir de nossas análises, depreendemos o que pode ser chamado de **discurso da necessidade**, pautado no imaginário do que seja a ordem das necessidades sociais em relação à ciência. A ciência divulgada é a ciência que supostamente o povo tem necessidade de adquirir. Vejamos que é uma necessidade a serviço do Estado, mas posta como se fosse do povo. Consideramos, pelo que foi exposto, que o mecanismo de individualização do sujeito pelo Estado se dá também na textualização da divulgação científica para crianças, ou seja, determina responsabilidades futuras e indeterminando o *vir-a-ser-sujeito* na massa uniforme do “povo”, público da divulgação, objeto das políticas públicas (cf. PFEIFFER, 2000).

No capítulo 3, dialogamos com as reflexões teóricas de Authier-Revuz (1998), de Zamboni (1999), de Orlandi (2001b; 2004) e de Grigoletto (2005) a respeito do discurso de divulgação e nosso *corpus*. Entre aproximações e afastamentos, pudemos compreender, junto às nossas análises, como se caracteriza o discurso de divulgação científica para crianças da revista *Ciência Hoje das Crianças*. Nesse sentido, articulamos noções – marca de pessoa, propriedade, tipologia discursiva e efeito-leitor– e observações do material de análise. Promovemos uma reflexão sobre o discurso de divulgação científica para crianças que, pautado na necessidade de obter informações e despertar vocações, constrói a imagem de uma criança apartada das relações sócio-históricas. Essa reflexão nos possibilitou definir o discurso de divulgação

científica para crianças como um espaço discursivo intervalar (constituído no entremeio de quatro ordens, a saber: da ciência, do cotidiano, da mídia e do ensino), caracterizado pelo efeito-leitor, produzido por um gesto de interpretação do divulgador.

Em nosso material de análise, observamos as marcas de pessoa, as perguntas, os advérbios de tempo, de espaço e de intensidade, o discurso relatado, os sinais discursivos de pontuação, itens lexicais e até mesmo o rébus. Observando essas marcas com as condições de produção e o trabalho com a memória, podemos dizer que a não-reversibilidade e a direcionalidade de sentidos são as propriedades desse discurso.

Ao retomar o paralelo entre discurso/sujeito e texto/autor proposto por Orlandi (2005 [2001]), consideramos que o material analisado, a revista *Ciência Hoje das Crianças*, é uma versão, ou seja, uma textualização possível do discurso de divulgação científica para crianças. Esse discurso corresponde a uma dispersão de discursos que, a ser textualizado, circula no espaço discursivo da mídia, mais precisamente o da revista.

Nos capítulos seguintes, debruçamos sobre as análises das seções da revista e do encarte endereçado ao professor. Nas seções analisadas da revista, depreendemos posições-sujeito e suas imagens produzidas no discurso. Ademais, compreendemos o modo de funcionamento das seções.

No capítulo 4, em análise do editorial da revista, procedendo ao deslocamento de uma postura teórica (oriunda do campo do jornalismo) que insere o editorial como “jornalismo opinativo”, buscamos compreender seu modo de funcionamento. Além disso, propomos identificar as representações do divulgador de forma a depreender suas posições. Para tal, destacamos as marcas de pessoa (não-pessoa discursiva e quarta pessoa discursiva) como fundamentais para a depreensão das posições-sujeito. Ainda para o desenvolvimento das análises, foi importante trazer a pontuação, ou melhor, os sinais discursivos de pontuação, uma vez que marcam a relação entre o discurso de divulgação científica para crianças e o texto do editorial. Nessa relação, o divulgador é produzido e produz sentidos por meio da pontuação – um mecanismo de textualização.

Nos artigos grandes, nas experiências e no encarte “Dicas do professor”, objeto de análise do capítulo 5, analisamos as imagens dos sujeitos – sobretudo, o leitor e o cientista – que também constituem o discurso de divulgação científica. Analisar o modo como o leitor e o cientista são representados e trabalhados em relação às posições discursivas do divulgador permitiu depreender algumas posições do leitor (leitor-criança e leitor-professor) e do cientista; além de algumas relações entre o cientista e a criança; o cientista e o homem do campo. Dentre essas posições, efeitos de aproximação, aliança, incorporação, ou afastamento entre a ordem da ciência e da não-ciência são produzidos.

O leitor, tanto criança quanto professor, é marcado pela falta: não saber ciência. Nesta condição, a falta funda um dos sentidos da divulgação. Por isso é possível falar, por exemplo, em alfabetização científica, pois a população está fadada a ser cientificamente analfabeta: sempre haverá um conhecimento novo que foi produzido pelo cientista X, no laboratório/universidade Y e que “necessita” ser divulgado. O cientista é o pesquisador incansável que, por meio de observações empíricas, produz conhecimento. É uma imagem historicamente construída daquele que ocupa o lugar da autoridade e do poder, uma construção fundada pelo efeito de verdade científica.

O capítulo 6 destinou-se a analisar a seção de cartas da *CHC*., buscamos compreender a posição do leitor em função-autor. Iniciamos o capítulo trazendo tanto pesquisas de domínios diversos, como também aquelas desenvolvidas sob perspectiva discursiva sobre cartas de leitores. As considerações tecidas auxiliaram-nos a pensar discursivamente as cartas da *CHC*, assim como construir um dispositivo analítico. Por meio das análises, observamos que, na seção de cartas, subjetivismos são criados: sujeito que gosta de ciência; que adora a revista; que quer fazer amigos; que utiliza a revista para fins escolares. As cartas, por representarem um espaço do retorno do mesmo, já-autorizado, pela mídia, funcionam como um espaço para a propaganda da revista.

No capítulo 7, no qual analisamos a seção “Quando crescer, vou ser...”, destacamos a memória como o conceito teórico basilar para a reflexão desenvolvida. Detivemo-nos em dois enunciados que povoam o imaginário sobre o futuro da criança brasileira: “cientistas de amanhã” e “criminosos de amanhã”. Importa sublinhar que, considerando esses dois enunciados, pudemos conjugar nosso trabalho de análise da revista com o batimento de outra tese de doutorado (cf. MAIA, 2006) que analisou, dentre outras questões, as “prováveis” profissões de menores infratores. Nesse batimento, pensamos a historicidade inscrita no enunciado “Quando crescer, vou ser...”, título da seção da revista *CHC*.

O trabalho da memória do futuro produz uma predição de perpetuação das profissões científicas como sendo as únicas valorizadas. Podemos dizer que a seção estruturar-se como um espaço de atualização da memória do futuro, no qual a formação científica é construída como garantia de trabalho futuro. Mariani destaca que “o trabalho da memória produz uma certa previsibilidade, dando a ilusão de que nada muda” (1998, p. 36). Podemos falar em ilusão de perpetuação da valorização da atividade científica, sobretudo, da valorização das ciências naturais e exatas.

## Palavras finais

Por meio de nossas análises, verificamos que o discurso de divulgação científica é constituído no movimento de diferentes ordens: a da ciência e a da não-ciência (do cotidiano, da mídia, do ensino). É um movimento, por vezes, de aproximação ou de afastamento entre as diferentes ordens. Desse movimento estabelece-se uma nova posição: a do sujeito-divulgador. Esse sujeito identifica seu dizer com os dizeres do cientista ao mesmo tempo em que pode aproximar-se ou afastar-se dos dizeres do não-cientista (por considerá-los antagonônicos, como, por exemplo, o dizer do homem do campo).

A partir de nosso trabalho, verificamos e chegamos ao que denominamos de Formação Discursiva do Discurso de Divulgação Científica para crianças. A FD que abriga esse discurso caracteriza-se por manter relações de aliança com a ordem da ciência e de aproximação com os saberes cotidianos, às vezes, sobrepondo-o ou mesmo opondo-se a ele. Acreditamos que a mídia tem papel fundamental na delimitação desse discurso, assim como a ordem da pedagogia.

O sujeito-divulgador, inscrito na formação discursiva do discurso de divulgação científica para crianças, recorta sentidos da ordem da ciência e da mídia alinhando ao leitor pretensamente interessado por ciência. Por vezes, minimiza a credibilidade das formulações de outras ordens, por exemplo, aquela do saber popular.

A formulação desse discurso é produzida pelo gesto argumentativo do divulgador, uma vez que, em posição de função-autor, desloca dizeres de diferentes ordens, produz aproximações, oposições e distanciamentos. No discurso de divulgação científica, não é a posição do cientista que movimenta o dizer, é o sujeito-divulgador que o faz. Esse gesto argumentativo é, em parte, determinado pelas imagens de cada um dos sujeitos/posições (divulgador, cientista, leitor-criança, leitor-professor), como também pela memória discursiva.

Cumpra sublinhar que não defendemos que não se divulgue a ciência. Para a ciência se exteriorizar, circular no social, faz-se necessário que ela seja divulgada. No entanto, esse processo deve ser feito de forma que o sujeito possa compreendê-lo. Ao compreender o que lê sobre ciência, o sujeito “poderá inserir-se nesse processo, do qual já faz parte apesar dele mesmo. Poderá tomar uma posição em relação a esse processo” (ORLANDI, 2004, p. 143). É assim que poderá ocorrer a apropriação do conhecimento científico pela sociedade. Consideramos que a divulgação científica para crianças deva concorrer para que a criança aproprie-se da construção desse conhecimento.

# Discursos *sobre/de* tradução no Brasil: línguas e sujeitos

Beatriz Fernandes Caldas\*

*Resumo:* Este trabalho apresenta um painel de tese de doutoramento orientada pela professora Bethania Mariani, defendida na UFF em agosto de 2009. Procurou-se trazer conceitos teóricos da Análise do Discurso envolvendo discussões em torno da tradução. Como dispositivo analítico, buscou-se fazer recortes que estivessem relacionados principalmente ao enunciado “fidelidade”. Constatou-se que a naturalização do que se denomina ‘fidelidade’ funciona discursivamente como uma tentativa de estabilização de sentidos, um esforço para impedir que surjam novos sentidos ou que os sentidos deslizem para leituras indesejáveis. A tradução acontece no fio do político na língua e trava uma disputa política pelo espaço de enunciação entre línguas.

*Palavras-chave:* análise do discurso; discurso *sobre/de*; tradução; política; línguas.

## Introdução

Nosso trabalho trata da tradução no Brasil e nossa perspectiva de investigação é fundamentada nas construções teóricas da Análise do Discurso de Michel Pêcheux a partir de 1969 e suas transposições para o cenário acadêmico brasileiro por Eni Orlandi, entre outros teóricos, a partir da década de 80.

O objeto de nosso estudo é o discurso *sobre* a tradução na segunda metade do século XX. Adotamos o conceito discurso *sobre* a tradução em relação ao discurso *da* tradução a partir das reflexões de Orlandi em torno de discurso *sobre* o Brasil e discurso *do* Brasil:

Consideramos que os 'discursos sobre' são uma das formas cruciais da institucionalização dos sentidos. É no 'discurso sobre' que se trabalha o conceito da polifonia. Ou seja, o **"discurso sobre" é um lugar importante para organizar as diferentes vozes (dos discursos *de*)**. Assim, o discurso sobre o samba, o discurso sobre o cinema é parte integrante da arregimentação (interpretação) dos sentidos do discurso do samba, do cinema *etc.* O mesmo se passa com o discurso sobre o Brasil (no domínio da

---

\* Integrante do grupo de pesquisa *Discursividade, historicidade, subjetividade: inconsciente e ideologia*, organizado pela Prof.<sup>a</sup> Dr. Bethania Mariani; Professora no Programa de Pós-Graduação *lato sensu* em Tradução da Universidade Gama Filho; Doutora em Letras pela Universidade Federal Fluminense, com a tese **Discurso sobre/da tradução no Brasil: línguas e sujeitos**, orientada pela Prof.<sup>a</sup> Dr. Bethania Mariani. E-mail: beatrizcaldas@terra.com.br

história). Ele organiza, disciplina a memória e a reduz (ORLANDI, 1990, p. 37). [grifos nossos]

À medida que os discursos *sobre* organizam a institucionalização dos sentidos, podemos compreender discurso *sobre* a tradução como constituído por processos ideológicos aí construídos, vindo a integrar os discursos da tradução organizada a partir dos anos 30, em um movimento contínuo.

O trabalho apresentado nesta tese pesquisa a presença de uma posição-tradutor brasileiro e o faz através da investigação em torno dos sentidos de ‘fidelidade’ em tradução e seus desdobramentos em relação aos sentidos de “língua nacional”. Perguntamo-nos: esta posição-tradutor corresponderia a alguma formação discursiva<sup>1</sup> própria, que por sua vez constituiria um discurso *sobre/da* tradução? Em outras palavras, haveria uma posição-tradutor brasileiro com uma especificidade sócio-histórica e linguística? E mais, nos discursos produzidos *sobre* a tradução e *da* tradução haveria marcas de uma memória vinculada ao seu momento de institucionalização? Essas são questões que nosso trabalho objetiva problematizar.

Trabalhamos com um *corpus* empírico principal constituído por diferentes tipos de textos, a saber:

- i) conversa virtual *sobre* tradução em lista de tradutores;
- ii) documentos que institucionalizam a tradução no Brasil;
- iii) prefácios de livros *sobre* tradução.

Todo o material analisado ao longo de nossa pesquisa foi produzido a partir da década de 50 do século XX. No *corpus* empírico foram feitos recortes discursivos<sup>2</sup> que tangenciassem as questões em foco. Procuramos assim construir um *corpus* discursivo, ou seja, procuramos compreender no funcionamento discursivo dos recortes a construção de um discurso *sobre* a tradução e a constituição de uma posição-sujeito tradutor.

Como método de trabalho, a pesquisa procurou responder e problematizar perguntas a respeito da questão ‘fidelidade’ sob a ótica da Análise do Discurso, ou seja, buscou formações ideológicas que (se) materializassem (em) discursos *sobre* a tradução e, em última instância, se manifestassem no próprio gesto tradutório.

---

<sup>1</sup> Formações discursivas são sítios de significação nos quais o sujeito ancora os sentidos que o constituem e os sentidos do que diz. Vale ressaltar que em Análise do Discurso usa-se o termo “sentido” na designação de objeto de reflexões de ordem teórica; nunca se usa a palavra “significado”, que parece estar atrelada a pontos de vista semânticos teoricamente incompatíveis com o que propõe Pêcheux.

<sup>2</sup> “O recorte é uma unidade discursiva: fragmento correlacionado de linguagem — e — situação” (ORLANDI, 1984, p. 14).



Esse método de trabalho em AD envolve dois dispositivos: o dispositivo teórico e o dispositivo analítico. O dispositivo teórico é o próprio cerne da AD, segundo os preceitos de Michel Pêcheux expostos ao longo de sua obra. O dispositivo analítico, constituído por recortes (ORLANDI, 1984) foi construído como forma mais apropriada de investigar o tema proposto. Nosso dispositivo analítico constitui-se através dos recortes ‘fidelidade’ / ‘liberdade’ / ‘brasileiro’ / ‘estrangeiro’ / ‘língua materna’ / ‘língua estrangeira’, / ‘língua nacional’ / ‘língua brasileira’. Também identificamos no material pesquisado algumas outras marcas discursivas (marcas de silêncio, lapsos de escrita, paráfrases) que, analisadas à luz do dispositivo teórico da AD, puderam nos ajudar a compreender os processos de constituição de sentido nos recortes escolhidos.

### Conversa virtual *sobre* tradução em lista de tradutores

Ao analisarmos o corpus empírico constituído pela conversa virtual na Internet, fizemos alguns recortes. Apresentamos aqui um desses recortes:

SD1 -1 - *Muito boa a tua definição, Y !!!!!!!*

SD1 - *Realmente outros julgamentos o tradutor não pode supor, apenas traduzir...*

SD1+1 - *É bom aprender com vs !!!!!!!*

Procuramos compreender efeitos de sentido possíveis da pausa, do silêncio representado pela marcas de reticências em nossa sequências. Parece-nos representar uma invocação a alguma instância que não está no texto, a algo que está no interdiscurso. Talvez represente a ligação tangível do texto a um já-dito, uma remissão do intradiscurso, da formulação à verticalidade do interdiscurso. Fomos adiante à procura do intangível dessa representação.

Orlandi (2007 [1992]) entende o silêncio fundante como o real da significação<sup>3</sup>. A autora toma os conceitos de tempo contínuo (em latim *aevum*, como em medievo) e tempo marcado (*tempus* em latim, como em tempo, ritmo, compasso) (Id.Ibid.) para estabelecer um paralelo com o silêncio fundante e a palavra. As palavras (*tempus*) marcam o silêncio (*aevum*) ao inscreverem-se nele. Numa metáfora sonora, o silêncio é como o pano de fundo, a instância em que vão se inscrever as notas musicais. Numa metáfora pictográfica, Orlandi compara o silêncio à cor branca, presença de todas as cores. As palavras são como traços inscritos nessa tela.

Como compreender, então, o silêncio que se manifesta com as reticências na sequência recortada? Tomamos esta pausa como uma invocação

---

<sup>3</sup> “O conceito *real da significação* (silêncio) é paralelo aos conceitos de *real da língua* (*lalangue*), *real da história* (contradição), *real do inconsciente* (ato falho)” (FERREIRA, 2005, [s.p.]). [grifos da autora]

a um mestre fictício, o mestre tradutor. Nossas pistas são reforçadas pelas sequências vizinhas a nossa primeira SD:

O autor das sequências atribui a “definição” de tradução (o sentido dessa definição aponta para a fidelidade da tradução) a um participante que não existe (Y). Y não é nenhum dos participantes da conversa, não é nenhum dos participantes efetivamente engajados na troca de idéias. Foi uma alusão a uma participante inexistente, um engano do autor das sequências, apontando para outra pessoa fora do espaço da conversa. A referência a esta outra pessoa (Y) é interessante se considerada como um ato falho do sujeito, uma formulação do seu inconsciente. A formulação resultante do ato falho abre-se para interpretações possíveis. Uma delas seria tomá-la como uma referência à posição-sujeito deste discurso. Qualquer um poderia ter formulado a “definição” de tradução, pois ela é um suposto saber, é aquilo que se pode e deve saber dizer dentro da formação discursiva dada.

Assim, a partir da análise da sequência exposta acima e de outras sequências discursivas recortadas da conversa virtual *sobre* tradução em lista de tradutores, especulamos sobre a existência de uma *posição-tradutor brasileiro* e buscamos compreender o funcionamento da questão ‘fidelidade’ a partir de uma perspectiva que inclui a ideologia como processo de naturalização de um determinado sentido. Teríamos chegado assim à identificação de uma posição-sujeito tradutor brasileiro.

## **Documentos que institucionalizam a tradução no Brasil**

Na análise do *corpus* que trata da institucionalização da tradução, partimos de documentos associados à *Fédération Internationale de Traducteurs* (FIT) fundada por Pierre François Caillé em Paris, em 1953<sup>4</sup>. Essa instituição é ligada a UNESCO, e seus associados não são pessoas físicas, mas instituições, associações, sindicatos e assemelhados, voltados sempre para a profissão de tradutor e/ou intérprete. Trabalhamos com A Carta do Tradutor e com a Declaração de Nairóbi, documentos fundadores do ordenamento e institucionalização da tradução no mundo pós-guerra. Sob recomendação explícita da FIT, e sob inspiração do alinhamento político que a prática da tradução adotou na nova ordem mundial, foi criada a ABRATES no Brasil. Trabalhamos com as atas de fundação da ABRATES (Associação Brasileira de Tradutores), transformada posteriormente em ABRATES-RJ (Associação Profissional de Tradutores do Estado do Rio de Janeiro) e finalmente SINTRA (Sindicato Nacional dos Tradutores).

---

<sup>4</sup> A *Federation Internationale des Traducteurs* — FIT — continua em pleno funcionamento até os dias de hoje.

Os documentos fundadores da FIT trabalham no sentido de atribuir um perfil profissional ao tradutor. A sequência discursiva abaixo aponta a questão do deslizamento de sentido de ‘fidelidade’:

SD - Toda tradução deve ser fiel e transmitir exatamente a idéia e a forma da obra original – a fidelidade constitui para o tradutor tanto um dever moral quanto uma obrigação de natureza jurídica. (capítulo I, DEVERES GERAIS DO TRADUTOR, A Carta do Tradutor, item 4).

O tradutor continua intimado a ser fiel, assim como era o tradutor religioso. Mas, agora, sua fidelidade ou a falta dela não está mais ligada à questão de fé, heresia, ou onipotência divina. Transformou-se num dever moral e numa obrigação de natureza jurídica. É um sinal de que o capitalismo encontrava uma posição sujeito em franca vigência também na prática da tradução.

Os documentos fundadores das instituições brasileiras trazem marcas da filiação ideológica às congêneres européias. Além disso, trazem recortes que dizem muito da ambiguidade que circunda a denominação ‘tradutor’ no Brasil. A própria sequência discursiva que nomeia a Associação Profissional de Tradutores do Estado do Rio de Janeiro, às vezes oscila para Associação Profissional dos Tradutores (grafado das duas formas na ata de fundação da instituição). O mesmo acontece com Sindicato Nacional de Tradutores — como reza na sua ata de fundação, que se alterna com outra sequência discursiva — Sindicato Nacional dos Tradutores, como consta na sua página na Internet.

Interpretamos a alternância DE/DOS nas sequências apontadas como a própria ambiguidade em torno da profissão de tradutor, marcas das dúvidas e questões que envolvem a caracterização de quem seja, de fato e de direito, um tradutor. Por um lado, o tradutor é aquele que é remunerado por seu trabalho, isto é, pode provar que mantém relações profissionais bem definidas pelas práticas capitalistas, segundo definição digna do Monsieur de La Palice, (tradutor é quem traduz / quem traduz é tradutor). Por outro lado, há um elemento novo nos dizeres da Ata da Assembléia Geral de Fundação da Associação Profissional de Tradutores do Estado do Rio de Janeiro, a saber, a “inclusão da categoria no quadro de atividades e profissões a que se refere o art. 577 da Consolidação das Leis do Trabalho”. Também é uma conceituação tautológica e pouco eficaz, pois na ocasião da transformação da Associação Brasileira de Tradutores (ABRATES) em Associação Profissional de Tradutores do Estado do Rio de Janeiro (ABRATES-RJ) a profissão de tradutor não estava incluída no cadastro de profissões mencionado na

respectiva Ata. De fato, só em 1988<sup>5</sup> foi incluída a profissão de tradução no cadastro de profissões da Confederação Nacional de Profissionais Liberais. Em vista da abertura propiciada pela inclusão na profissão de traduções no cadastro de profissões liberais, acreditou-se possível transformá-la em profissão regulamentada, fato que não ocorreu até os dias de hoje (fevereiro de 2011).

## **Prefácios de livros *sobre* tradução**

Estudando os prefácios de livros sobre tradução, analisamos os prefácios escritos por Lourenço Filho (lançamento da obra, em 1954) e Tatiana Belinky (re-edição do livro, em 2004) para o livro de autoria de Brenno Silveira, **A arte de traduzir**. Na análise do prefácio da edição de 1954 procuramos apresentar e teorizar sobre o funcionamento de sentidos para ‘fidelidade’ que o filiam a um projeto político desenvolvimentista dos anos 50 no Brasil. Na análise do prefácio de 2004 procuramos teorizar sobre a repetição parafrástica de ‘fidelidade’, com toda a força ideológica, de certa forma ignorando a difusão de estudos linguísticos de vários matizes que já circulavam no Brasil na ocasião do lançamento do livro, tendo se consolidado durante as últimas décadas do século XX.

Trabalhamos também com a análise de prefácio escrito por Aurélio B. de Holanda Ferreira para livro de autoria de Paulo Rónai, **A Tradução Viva**, lançado em 1975. Nesta análise procuramos apresentar e teorizar sobre diferentes posições-sujeito relacionadas a formações discursivas distintas (‘brasileiro culto’ / ‘brasileiro popular’ / ‘brasileiro estrangeiro’), ressaltando a figura de Paulo Rónai, como um importante elo de ligação entre filiação da tradução do Brasil a políticas internacionais e institucionalização oficial da tradução no Brasil.

## **Conclusão**

Concluimos o trabalho compreendendo a ‘fidelidade’ na tradução como um processo político de controle de sentidos no espaço de enunciação no embate entre línguas. A ‘fidelidade’ funcionaria discursivamente como uma tentativa de estabilização de sentidos, um esforço para impedir que surjam novos sentidos ou que os sentidos deslizem para outras leituras indesejáveis.

---

<sup>5</sup> Em setembro de 1988, o Ministério do Trabalho reconheceu a profissão de tradutor, durante a gestão da presidente da ABRATES Wilma Vidal.